

# Ver e criar na contemporaneidade: relacionar professores, alunos, artistas, curadores e espaços culturais num objetivo comum.

LUÍS CARLOS FERNANDES RIBEIRO

Portugal, professor do ensino secundário, artista visual e produtor artístico. Afiliação actual: Escola Profissional de Felgueiras, Escola Profissional Cenatex, Laboratório das Artes, Associação Cultural e Artística de Guimarães. Graduação: Licenciado em Artes Plásticas — Desenho, Mestre em Práticas Artísticas Contemporâneas. Frequenta o mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º. Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Artigo completo submetido a 01 de junho e aprovado a 10 de junho de 2013.

**Resumo:** Este artigo procura refletir sobre os modos de ver e de criar no ensino das artes visuais na contemporaneidade. Partindo da análise de um caso prático desenvolvido na Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012, procura-se aspectos de relação entre diferentes agentes educativos — artistas, curadores, espaços culturais, professores, escolas e alunos. **Palavras chave:** ver / criar / contemporaneidade / relação / agentes-educativos.

**Title:** *View and create in contemporaneity: relate teachers, students, artists, curators and cultural spaces in a common purpose*

**Abstract:** *This article seeks reflect on ways of seeing and creating the teaching of visual arts in contemporaneity. Based on the analysis of a case study developed in Guimarães European Capital of Culture 2012, seeks to aspects of relationship between different educational actors — artists, curators, cultural spaces, teachers, schools and students.*

**Keywords:** *view / create / contemporaneity / relationship / educational agents.*

## Introdução

Este texto pretende ser uma reflexão sobre os modos de ver e de criar no ensino das artes visuais na contemporaneidade. Partindo da análise de um caso prático desenvolvido na Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012 (CEC2012), este texto procura refletir sobre aspectos de relação entre diferentes agentes educativos — artistas, curadores, espaços culturais, professores, escolas e alunos — no sentido de gerar uma relação de maior proximidade com formas de ver, de pensar, de sentir e de criar a arte contemporânea.

Este artigo desenvolve-se em torno do projeto "Oficinas da Imagem" organizado pelo Centro Cultural Vila Flôr (CCVF) durante a Guimarães CEC2012. O desafio de explorar o Olhar, O Lugar e o Corpo foi lançado a quatro turmas, três do 3º ciclo na disciplina de Educação Visual e uma do secundário do curso de Artes Visuais. Para trabalharem com estes alunos o CCVF convidou quatro artistas plásticos para criarem relações teóricas e plásticas com o primeiro ciclo de exposições da programação da CEC2012.

Pretende-se aqui refletir sobre o ensino relacional entre diferentes agentes educativos no sentido de saírem reforçados os mecanismos de aprendizagem dos alunos. Esta dinâmica alargou o território escolar, colocando os estudantes num processo experiencial. Definiu a aprendizagem como uma construção pessoal mas que é, acima de tudo, um processo relacional que implica a utilização da linguagem e da comunicação numa relação construtiva com o meio social e cultural.

### 1. Oficinas da Imagem: um lugar de colaborar e atravessar

O projeto "Oficinas da Imagem" foi criado pelo serviço educativo do Centro Cultural Vila Flôr durante a Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012. O primeiro momento consistiu no convite das escolas do concelho de Guimarães a inscreverem-se com uma turma nestas oficinas de forma livre e gratuita, tendo recebido quatro inscrições: As escolas EB 2/3 das Caldas das Taipas, EB 2/3 Fernando Távora (Fermentões), Escola Secundária Francisco de Holanda e EB 2/3 de Pevidém. O segundo momento foi o convite de quatro artistas plásticos portugueses para trabalharem com as turmas.

Na brochura sobre este projeto pode ler-se o seguinte:

*A palavra atravessamento foi uma chave de ação e de relação. Interessava-nos proporcionar uma experiência colaborativa entre um artista e um professor, deixar ambas as práticas serem atravessadas uma pela outra. Interessava-nos que os participantes fossem levados a atravessar diferentes territórios: espaço expositivo — escola — casa e centro — periferia, naturalmente, mas também binómios conceptuais*

*como espaço público — espaço privado, observação — representação, meu — nosso, real — virtual, presente — memória, momento — paisagem.* (Brochura Oficinas da Imagem, CCVF, 2012)

Deste pequeno texto sublinho dois aspectos que me parecem fundamentais: por um lado o interesse em “proporcionar uma experiência colaborativa entre um artista e um professor”; por outro, a intenção de levar os participantes a “atravessar diferentes territórios”.

Uma das críticas mais comuns à escola atual é que esta fecha-se sobre si própria num modelo mais próximo do século XIX do que do atual, afastando-se dos alunos. O professor continua a fechar-se na sua sala de aula onde, sozinho, vai tentar ensinar os alunos como se fosse o mensageiro da verdade. Assim, o artista pode funcionar como um agente neutro que irá provocar uma experiência colaborativa entre múltiplos territórios: espaço expositivo — escola — casa. Pode funcionar, também, como uma ponte que atravessa diferentes territórios tais como os conteúdos programáticos da disciplina, os interesses pessoais dos alunos e as exposições de arte contemporânea.

Estes dois objetivos do Oficinas da Imagem reforçam a ideia de que “se a escola se abrisse um pouco mais, se tornasse mais permeável a estes modos de ser contemporâneos, experimentasse mais essas novas formas de viver, poderia, quem sabe, inventar outras formas de educar” (Ramos do Ó, 2007: 116). Mas o texto da brochura refere outro aspecto importante na questão das (boas) práticas relacionais (Brochura Oficinas da Imagem, CCVF, 2012):

*[...] uma experiência colaborativa entre um artista e um professor, deixar ambas as práticas serem atravessadas uma pela outra [...]*

Este atravessamento refere-se à importância do professor em deixar-se contaminar pelo artista e vice-versa, acreditando que nesta troca de conhecimentos e de práticas é valorizada a aprendizagem dos alunos.

## **2. O campo expandido da escola**

Rosalind Krauss escreveu, a propósito das alterações provocadas pelo aparecimento de novos tipos de escultura (mais tarde lido como instalação) a partir da década de 70 do século XX (Krauss, 1979: 31-44), que a compreensão do que era escultura até à data estava obsoleta. Krauss alertou para a necessidade de alargar o território do que era considerado escultura ou, como refere no texto, de compreender as construções “não-paisagens” e as “não-arquitecturas” como fazendo parte do universo conceptual das práticas

artísticas (como são os casos das obras de Robert Smithson, Robert Morris, Carl Andre, Richard Serra ou Christo & Jean Claude).

A ampliação do campo que caracterizava este território do pós-modernismo possui dois aspectos implícitos; os próprios artistas e a questão do meio de expressão. Em ambos, as ligações das condições do modernismo sofreram uma ruptura logicamente determinada.

Se analisarmos a escola da atualidade verificamos que a sua estrutura mantém-se desde o modernismo. Não podemos continuar a ver os alunos como meros reservatórios de informação e os professores como territórios colonizáveis pelas forças de poder. E as artes visuais podem desempenhar um papel importante na expansão do território escolar na tentativa de desconstruir alguns conceitos tradicionais como da auto-expressão, da autenticidade e originalidade que Marcel Duchamp pôs em causa há 100 anos.

Como nos refere Dennis Atkinson

*The concept of self-expression is often employed in association with the terms, uniqueness, originality and authenticity and is indicative of what might be termed a modernist discourse of art practice and understanding* (Atkinson, 2006: 17).

Por outras palavras, tal discurso da apologia das práticas modernistas formam os parâmetros através dos quais a escola é concebida. A escola continua a olhar para os alunos esperando que determinadas características técnicas e de conhecimento determinem o resultado final da obra que estes vão produzir.

Neste sentido, o Oficinas da Imagem coloca os alunos em contacto direto com espaços expositivos, obras de arte contemporânea, artistas e curadores ampliando consideravelmente o território escolar pré-concebido pelos alunos e professores. A aprendizagem resulta, então, de um processo que pressupõe o estabelecimento de relacionamentos de tipo diverso "quer entre os indivíduos e os objetos de saber, quer entre os indivíduos e outros indivíduos" (Charlot, 2001: 17).

### 3. Oficinas da Imagem: um lugar para ver, pensar e criar

Os artistas convidados para orientar o Oficinas da Imagem começaram por marcar um encontro com as turmas num dos espaços de exposição. Este primeiro encontro fora do espaço-escola transporta os alunos, imediatamente, para o campo expandido da escola referido anteriormente.

O primeiro momento do Oficinas da Imagem em funcionamento foi a visita a uma das exposições pré-selecionadas pelos artistas convidados. Este



**Figura 1.** Imagem da exposição “Paisagem Transgênica” no CCVF. Fonte: [www.guimaraes2012.pt](http://www.guimaraes2012.pt)

momento confrontou os alunos, o professor, o artista, a exposição de arte contemporânea e os orientadores dos espaços expositivos, posicionando os alunos numa plataforma imaginária que lhes possibilitou praticar a interpretação das obras de arte contemporânea.

Tomando como exemplo a turma do 9º ano da escola EB 2/3 Fernando Távara, os alunos visitaram a exposição “Paisagem Transgênica” (Figura 1) comissariada por Paulo Catrica e Pedro Bandeira, que desafiaram quatro artistas diferentes, Katalin Deér, Filip Dujardin, JH Engstrom e Guido Guidi (uma proposta de reflexão sobre o território do concelho de Guimarães enquanto construção cultural). Os alunos durante a visita tiveram a oportunidade de construir as suas próprias interpretações num discurso crítico em relação às obras expostas, confrontando-as com a leitura dos comissários, prolongada através da figura do orientador da exposição.

Num segundo momento, o artista convidado a orientar conduziu os alunos na criação de uma série de trabalhos a partir dos conceitos inerentes à



**Figura 2.** Aluna a trabalhar com tinta acrílica a sua paisagem.  
Fonte: própria.

exposição. O trabalho desenvolvido na disciplina de Educação Visual teve como título “Paisagem Privada” e resultou da ideia de paisagem individual captada a partir de uma janela da casa de cada aluno. Através de uma linguagem plástica comum, pretendeu-se criar um painel de 25 desenhos pouco figurativos, criando uma nova ideia de paisagem. O objetivo foi alargar o conceito de paisagem individual da realidade quotidiana, apelando à sensibilidade de cada um perante todos os objetos que nos rodeiam. Aqui, foi valorizado o “património cultural” como factor decisivo nos processos de aprendizagem e desenvolvimento do aluno. As técnicas foram discutidas com o professor tendo em conta os conteúdos programáticos (bidimensionalidade vs. tridimensionalidade, cores planas, opostas e complementares, relação figura-fundo, entre outros).

Como temos analisado nesta reflexão, “o importante é que os membros do grupo se ajudem uns aos outros a captar a «configuração do terreno» e a orientação da tarefa” (Bruner, 2000: 42). O trabalho realizado com os alunos envolveu diferentes momentos importantes na promoção do desenvolvimento psicológico dos alunos e dos seus processos de educação e aprendizagem:

- a) visita à exposição “Paisagem Transgénica”;
- b) realização de desenhos em casa a partir do que vê através da janela, representando as paisagens em formas simples, bidimensionais, apenas com linha de contorno;
- c) seleção de um desenho por aluno na sala de aula;
- d) ampliação do desenho e pintura do mesmo, com o objetivo de criar uma paisagem que relacione o individual com o coletivo e o público com o privado (Figura 2);
- f) exposição pública dos trabalhos, em relação com os realizados pelas outras turmas (Figura 3), nas instalações da Associação Comercial e Industrial de Guimarães.



**Figura 3.** Vista geral do painel "Paisagem Privada".

Fonte: José Caldeira.

**Figura 4.** Vista da montagem de "Fração de Segundos". Fonte: José Caldeira.



**Figura 5.** Alunos do 8º PCA a trabalhar. Fonte: José Caldeira

**Figuras 6 a 8.** Montagem dos trabalhos realizados pela turma 8º PCA. Fonte: José Caldeira.





**Figura 9.** Montagem dos trabalhos realizados pela turma 11º AV1. Fonte: José Caldeira.

**Figura 10.** Lara Soares, responsável do serviço educativo do CCVF a orientar uma visita à exposição Oficinas da Imagem. Fonte: José Caldeira.

#### 4. Oficinas da imagem: um lugar para mostrar e relacionar

Para além do trabalho "Paisagem Privada", o Oficinas da Imagem apresentou outros três conjuntos de trabalhos realizados pelas restantes turmas.

Como a fotografia marcou a forma como encaramos e vemos o mundo que nos rodeia, numa era altamente condicionada pelas novas tecnologias, "Fração de Segundos" propôs através da construção de uma câmara escura dentro de uma sala de aula convencional e de uma pin-hole feita a partir de uma vulgar "caixa de sapatos", tornar acessível a base essencial da fotografia, desmistificando o seu processo. O trabalho realizado pela turma do 8º F da escola EB 2/3 de Pevidém foi apresentado na exposição em vídeo e em fotografia (figura 4).

Por outro lado, os alunos da turma do 8º PCA da escola EB 2/3 Caldas das Taipas foram convidados a fotografar e a desenhar "os seus" lugares e objectos, e a esculpir o rosto de cada um, convocando à descoberta e observação da paisagem e do corpo que os rodeia, remetendo para o tema do território e identidade de cada um, numa tentativa de construir novas formas de olhar para a realidade e para o espaço que os envolve, para as coisas que lhes pertencem e que estão habituados a olhar sem explorar o seu verdadeiro significado (figuras 5, 6, 7 e 8).

Por último, em "Desenho para o deslocamento de um lugar" realizado pela turma do 11º AV1 da Escola Secundária Francisco de Holanda, havia um lugar para "deslocar a paisagem e a missão de desenhar o movimento desse lugar" (brochura do Oficinas da Imagem, 2012) além de uma pedra para levar pela mão, por ruas e varandas da cidade de Guimarães, em busca de um lugar para suspender numa linha e sentir o deslocamento da paisagem. O resultado foi um conjunto de desenhos, fotografias e mapas recortados para serem vistos de cima (figura 9).

Considero que a "aprendizagem pode definir-se como uma construção pessoal, resultante de um processo experiencial" (Tavares, 2007: 108) mas é, acima de tudo, um processo relacional que implica a utilização da linguagem, da comunicação, numa relação construtiva com o meio social e cultural em que "todas as funções psico-intelectuais superiores aparecem duas vezes no decurso do desenvolvimento [da criança]: a primeira vez nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja como funções intersíquicas; a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento [da criança], ou seja, como funções intrapsíquicas" (Vygotsky, 1977: 46).

Assim, cada aluno teve a oportunidade de confrontar o seu património cultural individual com a visão de quatro fotógrafos profissionais, com a visão do grupo (turma) e com a visão do público visitante, para além da do professor, pois devemos encarar "o desenvolvimento como um processo de natureza cultural que se constrói a partir das trocas, da partilha e da cooperação que as interações entre os sujeitos e, igualmente, entre estes e os instrumentos de mediação instrumental potenciam" (Trindade, R. & Cosme, A., 2010: 62).

## Conclusão

O “Oficinas da Imagem” permitiu expandir o território escolar destas turmas. O ensino relacional entre diferentes agentes educativos reforçou os mecanismos de aprendizagem dos alunos, colocando os estudantes num processo experiencial que lhes permitiu aproximarem-se dos modos de ver, de pensar e de criar a arte contemporânea.

Foi valorizado o património cultural como factor decisivo nos processos de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, focalizando atenções no trabalho de grupo, nos instrumentos criativos e nos processos reflexivos mais do que nas manifestações da auto-expressão, pois é importante a construção pessoal através da relação experiencial.

O Oficinas da imagem foi um território de confronto de ideias e de práticas, fazendo os participante atravessar múltiplos campos educacionais.

## Referências

- Atkinson, Dennis (2006) *School Art Education: Mourning the Past and Opening a Future*, International Journal Of Art & Design Education, 25(1), pp. 16-27
- Bruner, Jerome (2000), *Cultura da Educação*, Edições 70.
- Brochura Oficinas da Imagem (2012), Centro Cultural Vila Flôr.
- Charlot, Bernard (2001), *Os Jovens e o saber — perspectivas mundiais*. Porto Alegre, ArtMed.
- Krauss, Rosalind (1979) *Sculpture in the Expanded Field*, October vol. 8, pp. 30-44
- Ramos do Ó, Jorge (2007) *Desafios à Escola Contemporânea: um diálogo*, Educação e Realidade, Jul/Dez, pp. 109-116.
- Tavares, José et all. (2007) *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*, Porto Editora, Portugal.
- Vygotsky, Lev (1977) *Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar*, in Lúria, L. et al., *Psicologia e Pedagogia I*, Lisboa: Estampa.

## Contactar o autor:

luis\_f\_ribeiro@hotmail.com